A EPOPÉIA BENEDITINA NO CEARÁ

AIRES DE MONTALBO

A obra beneditina no Brasil, tão florescente outrora, chegara, no fim do século passado, a um estado realmente deplorável, por falta de obreiros, conseqüência das leis iníquas do Império. Não se permitia às Ordens religiosas admitirem noviços. Era a morte prevista por inanição. (1)

Onze Casas possuíam aquêles religiosos ao longo da costa brasileira, sobretudo nos grandes centros, mas êsses mosteiros chegaram ao ponto de não possuirem mais de uma dezena de monges ao todo e de provecta idade. O mosteiro de Olinda, em 1899, estava reduzido a um monge. E quando êle morresse? Era o fim.

Sem noviciado, não pode haver continuidade para uma Ordem religiosa. E os noviciados estavam fechados desde há muito. Uma desolação.

Os jesuítas, redivivos depois da tormenta de 1773, que os extinguira, iam entrando, timidamente, no Brasil, pela fronteira do Sul, desde 1841. Seu apostolado era esparso e, de certo modo, discreto, para não chamar muito a atenção dos liberais, herdeiros do espírito de Sebastião José de Carvalho — Pombal.

As outras Ordens também se ressentiam das leis drásticas, que desde os tempos ominosos de 1759 estavam em vigor na Colônia, cavando o fôsso intransponível entre a Religião e o povo.

---

(1) Não era intenção nossa metermo-nos em seara alheia. Mas, desde quando nos demos a êstes estudos, achamos tão interessantes certos aspectos da obra beneditina em nossa terra, que não nos contivemos mais e, antes de fazermos uma monografia prevista sôbre a Serra do Estêvão, cedemos ao convite do Dr. Carlos Studart Filho, que nos solicitava êste artigo. Todo êle é calcado nas relações do "Bulletin des Oeuvres des Bénédictines au Brésil", tomo de 1895 a 1905, gentilmente cedidos por D. Caetano Praciano, cearense, da Ordem de São Bento, Olinda.

Em 1895 o Papa Leão XIII, de feliz e grata memória, instado pelos beneditinos do Brasil, decidiu agir em favor de sua causa e constituiu, por meio de um Breve, a D. Gerardo van Caloen, monge belga de alta estirpe, do mosteiro de Maredsous, homem culto, santo e decidido — abade do mosteiro de Olinda e Vigário-Geral da Congregação Beneditina no Brasil. Competia-lhe proceder à reorganização da Ordem no Brasil. A tarefa era ingente. Mas estava confiada a boas mãos.

Munido do Breve de Leão XIII, *"Ex Quo Primum"*, de 23 de abril de 1895, Dom Gerardo van Caloen deixa o seu mosteiro de Beuron com destino ao Brasil. Homem inteligente e sagaz, viu, de relance, quanto esta obra lhe havia de custar em esforços e fadigas. Mas era zeloso e amante do bem de sua Congregação.

Dizia-lhe o precitado Breve: "Como amplos socorros são necessários para a realização desta obra excelente, socorro sobretudo de homens dispostos a se consagrar a ela pessoalmente, nutrimos a confiança de que no meio da nação belga, que sempre deu provas de sua generosidade, achareis numerosos auxiliares dispostos a vos dar ajuda, seja por doações pecuniárias, seja arrolando-se sob a bandeira monástica. De fato a Bélgica ouviu o apêlo do Pontífice e a êle correspondeu generosamente. Ao chegar ao Brasil, começa D. Caloen a restauração por Olinda.

Mas antes de vir para o Brasil, prevendo que aqui a colheita de vocações seria, a princípio, muito difícil, como também de outros meios materiais para a obra, fundou, com anuência do Papa, uma procuradoria, dita de Santo André, perto de Bruges, na Bélgica, cuja finalidade única era supeditar obreiros e meios materiais para a ingente obra do Brasil.

Em 1901, a 25 de agôsto o Cardeal Rampolla escreve a D. G. von Caloen, em nome do Papa, uma carta aprovando essa fundação de Santo André e concitando o zêlo dos belgas para a fazerem prosperar.

Cinco anos depois de começada a emprêsa no Brasil, e indo já tudo em bom andamento, recebe D. Caloen nôvo Breve de Leão XIII intitulado *"Alias iam"* datado de 19 de dezembro de 1900, no qual o Pontífice aprecia a obra realizada, e incentiva o zêlo do enviado a maiores emprêsas para glória de Deus.

"Sentimos, diz o Papa, uma imensa alegria, ao sabermos que uma outra Casa foi ereta na Bélgica (Santo André), cujo fim é procurar obreiros e recursos para a vossa missão brasileira e que um enxame (*sic*) assaz numeroso de noviços e de padres já passou aos antigos Mosteiros da Congregação no Brasil."

Na restauração de sua Ordem, D. Caloen deu tudo de si ao Brasil. E o que não sofreu êle pela causa da Religião em nossa Pátria! A 12 de junho de 1903, estando a restaurar o mosteiro do Rio, teve que enfrentar uma verdadeira horda popular açulada contra os mon-

ges. Viu o mosteiro invadido e saqueado. Um assalto em regra. Tiros de revólver dentro do claustro e dos corredores, portas forçadas a machado, gritos apavorantes: — "Morram os monges! morram os estrangeiros!" Fugiu por uma porta lateral, escusa. Caiu mais de uma vez na escarpa, fugindo. Foi contundido. Pulou barrancos, até poder safar-se dos furiosos perseguidores. Às 4 horas da tarde, isto é, às 16 horas dêsse dia 12 de junho não havia ainda tomado alimento algum no mosteiro por causa da amotinação.

A campanha sórdida contra os monges era feita pela imprensa teleguiada pela maçonaria. O govêrno abafou, por fim, o tumulto, com fôrça armada. Trezentos e oitenta (380) soldados guardavam a Abadia de Nossa Senhora contra o populacho. O velho abade, D. Domingos da Transfiguração Machado, por pouco não perdeu a vida numa carruagem que resvalou ladeira abaixo sem meio de frear. D. Caloen pulou do carro em movimento para assegurar a vida. Felizmente nada sucedeu. A obra da restauração a êle incumbida foi uma coisa dura, inaudita. Mas venceu.

Depois de visitar bem o Brasil e de ter boa ciência da situação, D. Caloen vai a Roma e tem uma entrevista pessoal com o Papa Leão XIII sôbre a sua espinhosa missão no Brasil e como promovê-la ainda mais. Chega a sugerir planos ao Papa sôbre a divisão religiosa do Brasil e catequese com os silvícolas. A entrevista particular, às dez da manhã de 11 de dezembro de 1900, durou 35 minutos. Já estava em Roma desde 11 de novembro trabalhando junto aos amigos e protetores.

No ano anterior grassava a febre amarela em Pernambuco. Três monges novos renderam a ela o seu tributo supremo. Outros convalesciam do mal, como D. Majolo (Mayeul), que foi para o sertão, acompanhado do Ir. Gregório, como êle, escapo do terrível vírus. Estavam em São Caetano da Rapôsa. Foi aí que D. Majolo, ouvindo penitentes de 10, 15 e 20 anos sem páscoa, sem sacramentos e outros com 30 ou 40 anos, que jamais se haviam confessado, viu que, no Brasil, a messe é grande, mas poucos os operários...

A febre amarela campeava à sôlta. Lá em Nossa Senhora do Monte, para onde se tinha transferido a comunidade beneditina, êles perderam o bom Ir. José e o Ir. escolástico Paulo Derix. A 16 de setembro de 1899 morre, de febre amarela, D. Feuillen (Foilano) Lhermitte, prior do mosteiro de Olinda, no hospital de Santa Águeda, poucos dias antes de D. Gerardo van Caloen voltar do Ceará, onde viera à procura de um abrigo mais seguro e saudável para a sua Comunidade de Olinda. Antes de partir para o Ceará, em companhia de D. Maurício Privhzi, ainda estudante, enviou a Petrópolis D. Plácido e o Ir. Domingos, cozinheiro, à procura de melhores ares, num clima mais sadio.

A morte de D. Feuillen foi sentidíssima, por ser um monge nôvo, muito caridoso — "o amigo dos pobres" — um homem excepcionalmente virtuoso. Aí D. Gerardo não hesitou mais. Veio ao Ceará, com o plano de achar uma casa de estudos que, nas circunstâncias presentes, fôsse também um *sanatório* para os seus jovens monges refugiados em Ipojuca, temerosos do contágio de tão perigosa epidemia.

Comunicou-se com o Sr. Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, que o recebeu de braços abertos e lhe pôs à disposição o edifício do Seminário do Crato, então vazio de seminaristas.

Chegados a Fortaleza, os dois monges se põem a caminho do Crato. Em Quixadá se entendem com o vigário local, pe. Lúcio Ferreira. Tendo partido de Olinda a 3 de agôsto, a 12 do mesmo mês estavam em Cachoeira do Riacho do Sangue, depois de andar mais de 20 léguas a cavalo. Aí foram hóspedes do Cel. Manuel Fernandes da Silva Távora, irmão de Mons. Antônio Fernandes da Silva Távora e de D. Carloto Távora, bispo de Caratinga, Minas. (2) Domingo, dia 13, D. Gerardo celebra em Cachoeira a missa dominical, ausente o vigário.

Nessa mesma tarde põem-se a caminho para Floresta, sete léguas além, onde contavam celebrar a festa da Assunção de Nossa Senhora, a 15. O coronel quis acompanhá-los em pessoa. E como o trote do cavalo em que ia D. Gerardo o fatigasse, o coronel o fêz montar noutro cavalo manso e possante — o mesmo de que se servia sua espôsa para viajar e que jamais havia mancado ou se espantado. Era ao cair da tarde de domingo.

Iam todos troteando calmamente. De repente um indivíduo da pior espécie, conhecido, na região, como vagabundo e salafrário, sai de uma vereda entre moitas, a cavalo, com duas malas de couro vazias pendentes de sua montadura e se joga por trás contra o cavalo em que ia D. Caloen. O animal, naturalmente, se espanta, sai a galope e o monge, que não era bom cavaleiro, se desequilibra e cai, de costas, num terreno juncado de grandes pedras. Por felicidade providencial, também sôbre um pequeno espaço de chão, onde só havia areia e ervas.

Não sofreu ferimentos ou escoriações: mas, caindo sôbre a espádua direita, contundiu-se e não podia mover o braço direito. Voltou de maca, ou rêde, à fazenda do coronel donde saíra há pouco, e aí permaneceu mais alguns dias, com D. Maurício, fazendo um tratamento rudimentar à base de emplastros de ervas medicinais e massagens, até poder voltar a Quixadá.

Dom Maurício continuou a viagem programada, sòzinho, na direção do Crato, pois desejava conhecer a fazenda "Juiz", situada

(2) O Coronel Manuel Fernandes da Silva Távora, em cuja casa se hospedou D. G. van Caloen, era avô, por parte de mãe, do distinto homem público, Senador Manuel do Nascimento Fernandes Távora e bisavô do ex-Governador do Ceará, Virgílio Távora.

entre Jaguaribe e Icó pertencente ao mosteiro de Olinda. Dizem que tal fazenda era famosa. Dessa sua ida ao Sul, D. Maurício só regressou a Olinda em outubro, diz o Barão de Studart.

De lá mesmo, de Cachoeira, hoje Solonópole, escreveu D. Gerardo uma carta aos seus irmãos belgas narrando tudo o que sucedera, como prova de que estava quase são. (Boletim n.º 3, setembro de 99, págs. 22 — 23.)

Era intenção sua pôr-se de nôvo a caminho, segunda-feira, 28 de setembro, para Icó e Crato; mas julgou melhor retroceder para Quixadá.

O coronel Távora o acompanharia. Essa volta foi providencial. Aí é que êle resolveria, em definitivo, a fundação do mosteiro de Santa Cruz na Serra do Estêvão. Consideração de D. G. van Caloen: — "Creio que o bom Deus havia permitido ao demônio me perseguir, como a Jó, depois de me haver tocado em tudo o que me era mais caro. Mas sua mão paternal se estende sempre sôbre mim. Agradeçamos-lhe e continuemos a servi-lo."

Nota do redator do Boletim: "O acidente foi mais grave do que esta descrição o dá a entender. A queda de cavalo dada por Mgr. Caloen era, segundo as últimas notícias, de natureza a tirar-lhe a vida, ali mesmo, e devemos atribuir a uma intervenção especial de Deus que assim não haja sucedido.

Voltando a Quixadá, ainda em tratamento, foi que êle decidiu, a instâncias do pároco, com apoio do povo, a fundação do mosteiro de Santa Cruz. A 15 de setembro de 1899 recebe D. Gerardo a subscrição do povo de Quixadá doando o sítio Santa Cruz para a construção da projetada abadia.

Ainda em Quixadá, depois de tudo assente, resolve mandar os seus noviços e estudantes de Olinda para Guaramiranga, serra de Baturité. Habitariam lá um colégio há pouco liberado e que lhe foi cedido, por dois anos, pelo proprietário, Dr. Francisco Alves de Lima, que se achava então em Quixadá. Era piauiense êsse generoso proprietário, mas casado com uma môça da família Holanda. O prédio fôra construído aí por 1880 pelo coronel Dadá, Sr. Baltasar Lopes de Lima, dono do sítio Urugualana, e pôsto à disposição do professor Teófilo Mendes. Ficava abaixo da Matriz de Guaramiranga e foi ocupado, posteriormente, por religiosas capuchinhas. Aí é que se alojaram os primeiros monges chegados ao Ceará para uma permanência de sete meses na serra de Baturité. Antes de voltar para Fortaleza e Olinda, Mgr. Caloen foi ver as condições do alojamento em Conceição (Guaramiranga), como êle mesmo diz no Boletim n.º 7 de 1900, pág. 81.

A 26 de setembro de 99 embarcava em Hamburgo, com destino ao Brasil, a primeira turma de missionários belgas sob a direção de um monge professo. Era a turma, que se esperava em Guaramiranga.

(Loc. cit. pág. 26.) Pouco depois chegavam os monges a Guaramiranga chefiados por D. Majolo Caigny e por D. Macário Schmidt, os dois únicos sacerdotes da turma. Eram 5 horas da tarde do dia 11 de outubro de 1899. Não descreveremos a viagem de Fortaleza a Conceição tão acidentada (a passagem por Baturité foi um verdadeiro *show* dos monges a cavalo...) porque tudo isto já veio nesta Revista, tomo 65, 1951.

A primeira impressão de Guaramiranga foi ótima. A princípio, no velho Colégio abandonado, tudo era feito em cima de caixões, até que o Ir. André Riehle preparasse uma mobília menos rudimentar.

Apesar da multiplicidade dos trabalhos, nesses sete meses de estância serrana, puderam dar-se aos estudos sérios e não descuraram nunca o ofício divino segundo a norma de São Bento: — *"Operi Dei nihil praeponatur!"*

Logo gostaram da serra. O sol só aparecia às nove horas. A névoa cobrindo os montes. Os cafêzais floridos e perfumados. Clima adorável. Um encanto para a vista êsse anfiteatro de montanhas. Um dêles, D. Macário, fêz-se de pároco na vila sem pastor. Nada escapou à perspicácia dêsses excelentes jovens religiosos.

A safra de café nesse ano de 99 foi ótima e atribuída pelo povo à chegada dos beneditinos à serra. O povo bem quereria que êles ficassem, definitivamente, lá. Êles também não desgostariam disso. Mas já estava determinada outra coisa. Iriam, logo que pudessem, para a Serra de Santo Estêvão, como êles diziam. De fato nos *bulletins* em francês aparece sempre o nome Serra de St. Étienne.

A segunda leva de noviços e estudantes qu chegou a Guaramiranga, era chefiada por um monge de valor, D. Pedro Rooser, ex-Superior da Procuradoria de Santo André de Bruges. Vinha para mestre de noviços. Os boletins trimestrais vão dando conta de tudo o que se passa por aqui, minuciosamente. Há nêles uma riqueza de informações sôbre o Ceará e o Brasil. Num dêles, volume de 1895 — 1905, um noviço descreve, com muita graça e sal ático, o navio em que viajou do Recife a Fortaleza, — verdadeira Arca de Noé — a descida na ponte metálica, em braços de negros forçudos, o Seminário da Prainha, a boa acolhida dos Lazaristas; descreve a capital cearense com fortes pinceladas, o trem de Baturité, a subida da serra a cavalo, e, por fim, Conceição, têrmo da viagem. Foi um deslumbramento chegar ali pela primeira vez. Elogia o clima delicioso, a altura de 900 metros e como, dois dias depois, foi visitar a ermida de Lourdes, sôbre o monte oposto, a gruta dos Caracas, — e diz que viu aí uma lapinha de Natal que o empolgou de todo.

Achou a coisa "gozadíssima" pelos espécimes animais que a compunham. Ali, sim, ancorou a verdadeira arca de Noé, diz êle.

Mas por trás de tudo aquilo soube discernir o sentimento profundo de religiosidade daqueles serranos simples. (Boletim n.º 5,

pág. 55, ss.) Essa descrição é uma delícia. Pena é que seja anônima: ficamos a desconhecer-lhe o autor.

Depois, passados alguns meses na Serra, despedem-se os monges, de Guaramiranga, e tomam o rumo de Quixadá. Vão a pé, descendo a serra, até à estação do Putiú, alegremente, esportivamente. Mais de quatro léguas ladeira abaixo, cada qual levando sua matalotagem. O resto da bagagem segue em cargas.

Chegam de trem a Quixadá quase à tardinha. Dormem em casa do P. Lúcio Ferreira, que mal pôde alojar tanta gente, uma dúzia e meia de rapazes. Lá em cima, na *chaumière* de Santa Cruz já os antecedera e esperava D. Majolo. Uma casa de taipa pequenina, com uma porta e duas janelas sòmente. Um tugúrio, ou mocambo, como o dirão depois. Foi uma aventura sem nome essa escalada de mais de quatro léguas a pé serra acima, por ínvios caminhos.

Os moços tinham, acentua D. Majolo, um excelente espírito religioso e, esportivamente, arcavam com qualquer sacrifício. *"Nous habitons un "mocambo", une hutte de lattis et de terre battue"*. Era uma tapera realmente. Depois fizeram, para se acomodarem melhor, três ou quatro casas do mesmo gênero ao redor da primeira, que o povo chamava "a choupana do bispo..."

Apesar de tudo gostaram. Logo ficaram deslumbrados com o imenso panorama que dali se descortinava. Devia ser bom *"passer la nuit à la belle étoile"*... sob um teto que lhes permitia contar, à noite, as estrêlas do céu... Às vêzes tinham que usar guarda-chuvas sôbre o leito contra as bátegas noturnas! O bom Ir. André Riehle fazia-se de cozinheiro lá. Foram tempos heróicos, êsses. No entanto nem os estudos esmoreceram, nem o ofício divino sofreu interrupção, tudo mais ou menos em ritmo normal, se excetuarmos um pouco no princípio, quando os próprios monges se fizeram de cavouqueiros e sapadores, dirigindo a obra do açude em construção e das casas que tiveram de fazer para habitar. (O açude arrombou espetacularmente no ano seguinte...) (3)

No boletim de dezembro de 1900, n.º 8, vemos uma reportagem de D. Majolo e duas páginas com gravuras ou pinturas das primeiras casas beneditinas da Serra do Estêvão — o monastério provisório de taipa e palha, que dão bem uma idéia de como as coisas foram no princípio. *"Ce premier établissement d'argile, de taipa servira plus tard d'orphelinat agricole..."* (Bol. pág. 81 — 85.) Fariam um monas-

(3) Há uma carta de D. Majolo, prior de Santa Cruz, descrevendo a sêca de 1900 em Quixadá, que contém lances de cortar coração. Num apêlo patético, êle implora ajuda de seus patrícios em favor dos flagelados do Ceará. É uma carta comovente, datada de 8 de julho do ano supracitado. Em suas "Memórias" inéditas êle narra os perigos por que passou na vila de Sant'Ana, junto ao mosteiro cearense, para defender os flagelados contra os exploradores sem alma. Êle mesmo se fêz de abastecedor do povo faminto.

tério definitivo, mas a casa primitiva serviria de Escola agricola, diz D. Caloen.

Os monges lastimam, escrevendo para Santo André de Bruges, não ter uma máquina fotográfica, para enviar fotos aos companheiros, que não podiam fazer idéia do que fôsse aquilo, como região. *"Le site de Santo Estevão* (sic) *comme je vous l'ai dit, est admirablement grandiose et ravissant pour ne pas dire unique au monde!"* (D. Mayeuil.)

Como vimos há pouco, pensou-se em fundar all uma Escola agrícola antes mesmo de lançar os fundamentos da habitação futura: — o o mosteiro de Santa Cruz. (Bol. n.º 7, pág. 85.) A princípio não se pensou em Colégio, como depois existiu e foi construído até antes da Abadia. D. Gerardo de Caloen nutria tais esperanças com respeito a êsse lugar privilegiado, que chegou a escrever, num esto de entusiasmo juvenil: — Santa Cruz será, no futuro, o Maredsous do Brasil! Isso se pode ler num dos boletins acima citados.

Os monges, homens inteligentes, viram, num relance, que a obra poderia ter ali grande futuro. E tudo dava a entender. Apreciaram, sobretudo o clima, êsse clima delicioso que ainda hoje atrai para all, anualmente, centenas de turistas. Vamos traduzir alguns tópicos dessas relações ao acaso, sôbre o clima da serra do Estêvão.

"Vi a Serra durante o mês de março: — um verdadeiro paraíso terrestre..." (D. Majolo.) "Goza-se aqui uma visita esplêndida e um clima excelente." (D. Gerardo van Caloen.) "O sítio é grandioso e simultâneamente arrebatador." (D. Majolo.) "A paisagem é grandiosa e sublime: ao longe se avista o sertão..." E explica, em nota, o que seja o sertão. (Idem.)

O açude do Cedro era comparado pelos monges à barragem de Gileppe (para dar uma idéia) sendo, porém, muito maior... (Bol. pág. 83.) Verdadeiramente creio jamais haver visto coisa alguma tão bela como esta região e a cadeia de montanhas de Santo Estêvão, escrevia D. Majolo de Caigny em 1900. "O clima é salubre, fresco e sêco, ao mesmo tempo". *(Idem, ibidem.)*

Verdadeiro oásis no meio da esterilidade dos campos e dos ardores do sol, êste recanto da terra lembra uma ilha de verdura, umedecida pelas águas fertilizantes do Nilo... (Bol. pág. 75.) Uma paisagem tão bela, tão majestosa cativa a admiração de todo espectador, que se deleita na contemplação das maravilhas da natureza... (Bol. ibid. pág. 78.)

"Oh! como são deliciosos êsses momentos, em que o céu e a terra acordam, onde a natureza canta pela garganta de ouro das aves e respira pela bôca embalsamada das flôres; onde a gente caminha por veredas de luz e de perfume, sob o azul imaculado do céu, na paz serena das manhãs..." (Bol. pág. 74.)

Lembre-se o fato de D. Maurício Prichzi ter pedido, pouco antes de morrer, indo ao pátio do Colégio: — "Deixem-me ver êste mundo ainda uma vez..." Era a última. A despedida dos belos horizontes. Êles amaram a Serra do Estêvão.

Depois vieram, com um trabalho hercúleo, o Colégio de São José, a igreja, a abadia, a vida organizada, os estudos porfiosos, a fama do ensino ministrado, e, por fim, não se sabe bem por quê, a retirada dos monges em 1915. Foram circunstâncias imperiosas por certo. Mas sua passagem por Quixadá e pelo Ceará deixou, em nosso povo, uma marca indelével e ainda hoje são lembrados com saudade e com olhos rasos de lágrimas dos que os conheceram. Uma idade de oiro que passou.

Dizem que, se D. Maurício Prichzi não tivesse morrido tão cedo, a obra beneditina teria continuado ali. D. Gerardo de Caloen deve ter sofrido muito com tal desistência. Nesse mesmo ano renunciou ao cargo de Arquiabade da Congregação beneditina brasileira. Com D. Maurício os monges não teriam saído. Foi uma perda para o Ceará, não há dúvida.

É inútil lastimar o irreparável. Demos graças a Deus, que transformou tão grande esfôrço — essa casa cimentada com tantos suores e prantos — numa obra social das mais benéficas, qual seja a Casa de Repouso São José, de tão gratas reminiscências.

O fundador — Dom Gerardo van Caloen, nascido no Castelo de Lophen — perto de Bruges, Bélgica, a 12 de março de 1853, professou no mosteiro de Maredsous — a 25 de maio de 1874, ordenando-se sacerdote a 23 de dezembro de 1876. No Brasil exerceu os mais altos cargos de sua Congregação e foi Bispo titular de Focéia, Abade Nullius e Prelado de Rio Branco (1906.)

Em 1919 volta definitivamente à Bélgica e se recolhe ao Mosteiro de Santo André, por êle fundado, com uma enorme fôlha de serviços ao Brasil. Não se afazendo mais ao clima de sua Pátria, foi residir no sul da França, em Cap d'Antibes, assistindo, caridosamente, aos refugiados russos. Em 1932 (16 de janeiro) faleceu, santamente, aos 79 anos incompletos. Foi um grande monge e um prelado de altos predicados, figura exponencial entre os beneditinos do Brasil em todos os tempos.